

Não te esqueças de viver!

com Maria Filomena Molder

Fotografia de Jorge Molder da série
O suave fazer de preto e branco. 1962/85



8 de fevereiro

“Ó cousas tão vãs, tão mudaves,
Qual é tal coração qu’em vós confia?”

15 de fevereiro

“Primeiro: continuar. Segundo:
começar”.

22 de fevereiro

“Caminha melhor quem menos coisas
transporta”

29 de fevereiro

“Não te esqueças de viver!”

Não te esqueças de viver é o título da última obra (2008) de Pierre Hadot. O seu subtítulo – *Goethe e a tradição dos exercícios espirituais* – servirá de guia a estas quatro conferências. Cada uma delas pretende ser o desenvolvimento de alguns exercícios espirituais, inscrevendo-se na tradição referida por Hadot, mas também acrescentando variantes ou mesmo novos exercícios.

No seu ensaio *Da Fisionomia*, Montaigne comenta a frase de Cícero: *a vida inteira dos filósofos é um estudo da morte*, nestes termos: «Mas sou da opinião de que [a morte] é o fim, mas não a finalidade da vida; é o seu fim, a sua extremidade, não porém o seu objecto. A vida deve ser para si mesma o seu objectivo, o seu desígnio [...]».

Aqui, estamos na última página do texto “Mors certa hora incerta”, capítulo da derradeira obra de Fernando Gil, *Acentos* (2005), na qual, contrariando as evidências da racionalidade moderna, a contingência da vida humana com o seu cortejo de incertezas, a vida irrepetível, é celebrada pela atenção a formas decisivas do agir humano, como sejam, crer e confiar, traçando o movimento que vai de se perceber agarrado à vida até à aceitação da vida, que inclui a experiência da saudade daquilo que é perecível, na qual culmina a aceitação.

Esse movimento é uma forma de heroísmo que surpreendemos nos autores que nos vão ocupar, Fernando Gil e Pierre Hadot/Goethe, a que se associam Alain, Nietzsche, Wittgenstein, Emerson, Montaigne. Sá de Miranda, Joaquim Manuel Magalhães e Agustina providenciam as fontes poéticas.

“Primeiro: continuar. Segundo:
começar”.

Como a pequena figura de adolescente que irradia no plano recuado de *A Ronda da Noite* de Rembrandt (pintada entre 1640 e 1642), assim Agustina atravessa o último livro que escreveu (2006) e que traz o mesmo título da obra do pintor. Ao caminhar, ela volta o rosto para nós e olha-nos de frente, como se alguém a tivesse chamado, a boca ligeiramente aberta, a seda lavrada e as rendas cingem-lhe o corpo inteiro, na cabeça uma boina preciosa, à cinta traz uma pistola e uma ave morta, parece uma galinha, formas escuras inquietantes envolvem-na em contra-luz. Que faz ela naquele quadro? Resume o seu enigma, preparando-o para o desastre do seu desaparecimento. Agustina chama-lhe Saskia, o nome da primeira e muita amada mulher de Rembrandt, morta em 1642.

“Fomos esperados sobre a Terra” é a forma mais sublime do mote escolhido

para a segunda conferência: “Primeiro capítulo, continuar. Segundo capítulo, começar”. Alain é o seu descobridor em *Minerve ou de la Sagesse* (1939/2001). O que tem a ver *A Ronda da Noite* de Agustina com este mote? Embora não se encontrem vestígios das palavras de Benjamin – quer dizer, o pensamento da escritora abstém-se do messianismo –, em todas as páginas de *A Ronda da Noite* encontramos variações do mote, sendo que é uma regra arcaica da poesia o começo *in media res*.

Wittgenstein, pensador da confiança e da lucidez sobre o que seja o início e ainda mais sobre os perigos de querer recuar para trás do início, na senda de uma origem para além do início, virá auxiliar-nos mostrando como o mote é uma forma de exercício espiritual. Não será exagerado afirmar que Alain gostaria de o ter conhecido. Agustina, que o leu, considerava-o um mestre da linguagem.

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.

Maria Filomena Molder é professora catedrática aposentada, FCSH, UNL. Últimas publicações: *Símbolo, Analogia e Afinidade*, Vendaval, 2009. *O Químico e o Alquimista. Benjamin, Leitor de Baudelaire*, Relógio d’Água, 2011 – Prémio Pen-Club 2012 para Ensaio. *As Nuvens e o Vaso Sagrado*, Relógio d’Água, 2014.

SEGUNDAS-FEIRAS 8, 15, 22 E 29 DE FEVEREIRO · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO